

PENSAR O TRADUZIR

Eliene Padilha Felipe Victor¹

RESUMO: O presente discute algumas questões relacionadas à tradução. Enquanto leitura atenta a tradução se apresenta como um movimento crítico, necessitando de constantes estudos de maneira a conhecer as características dos tradutores que se encontram nas obras traduzidas e os conceitos relevantes dentro de uma tradução. É necessário também entendermos o processo de tradução enquanto confronto entre visões diferentes e culturas diferentes. Enfim, a partir de uma análise discursiva entre tradução e obras podemos conhecer conceitos importantes e aspectos relevantes no processo tradutório.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução. Cultura. Releitura.

A tradução como diz Henri Meschonnic (1999) é um ato, uma atividade antes de ser uma ciência. Tendo isso em vista, decidimos refletir sobre as questões teóricas ligadas a essa área de estudo. Além disso, se temos muitas traduções, no Brasil, de autores estrangeiros temos, também, nossos autores e em particular poetas goianos para outras línguas, no intuito de divulgar a literatura produzida no país. A tradução é uma leitura atenta, um movimento crítico como nos diz Berman (2002), desse modo, discutimos neste trabalho as grandes tendências contemporâneas da tradução.

A tradução é um movimento entre línguas, mas também entre culturas. Chanut (2002, p. 109) afirma que: “O intraduzível, na realidade, não é isso ou aquilo, mas a totalidade da língua estrangeira em sua estranheza e diferença.” As diferenças existem de uma língua para outra, pois, trata-se de uma outra cultura, outra visão de mundo. Dessa forma, no confronto entre visões diferentes e culturas diferentes também pretendemos trabalhar o diálogo entre culturas, os encontros e desencontros das línguas. Meschonnic (1999) no lembra que a tradução não é a passagem de uma língua para outra, mas de um discurso para outro discurso. Assim, a tradução se apresenta como

¹ Professora Mestre em Crítica Literária – PUC- GO, professora do Curso de Letras – UEG – UnU São Luís de Montes Belos. Coordenadora do Curso de Letras – UEG- UnU São Luís de Montes Belos

interdiscursividade no sentido em que o tradutor sujeito da enunciação (do traduzir), dialoga com um outro discurso tido como original.

A tradução encontra-se como um dos lugares centrais de contato entre as culturas. Meschonnic (1999, p. 13) afirma que: “A tradução desde sempre tem um lugar fundamental como meio de contato entre as culturas. Este contato consiste na passagem de um enunciado de uma língua para outra”². Um enunciado, portanto uma nova significância, uma nova visão de uma nova cultura. Desde que a literatura é a realização máxima da atividade oral, a tradução ocupa um papel vital na vida dos seres humanos. Ela liga diferentes culturas, aproxima povos a diferentes contextos e diversas realidades de épocas distintas.

1.1 A tradução ao longo dos séculos

A partir do século XV, século da invenção da imprensa, é que o papel do tradutor começou a ter lugar de destaque na sociedade. Durante este período as traduções realizadas eram chamadas de versões, pois os tradutores liam os clássicos e faziam adaptações as quais julgavam convenientes ou melhores do que as obras traduzidas. Foi uma época em que contos e histórias eram encontradas adaptadas ou recontadas e não eram consideradas como plágio, era uma prática comum da época.

No final do século XVII e começo do século XVIII, a tradução começa despontar como uma ciência. Portanto, um estudo que buscasse caminhos, explicasse, concretizasse a tradução e estabelecesse regras a serem seguidas. O que não foi possível, devido à complexidade do ato tradutório e porque as regras não poderiam prevalecer para todos os textos a serem traduzidos. Ainda, no século XVI, o tradutor aparece como um empregado, ou seja, um trabalhador que precisava realizar suas obrigações para receber, no final do mês, um servil da tradução, chamados de Augustans,

Na segunda metade do século XVII surge o tradutor John Dryden, cuja tendência era de aproximar a obra traduzida ao estilo do original. Ele traduziu e teve grande influencia e realizou inúmeros comentários sobre a

² La traduction depuis toujours tient une place majeure comme moyen de contact entre cultures. La communication y consiste à faire passer un énoncé d'une langue dans une autre.

tradução de poesia. No século XVIII Alexander Fraser Tyler, advogado e escritor publica um livro intitulado “ Essay on the Principles of Translation” deixando para a posteridade alguns princípios sobre tradução. Princípios como: a tradução deve dar uma transcrição completa da obra original; o estilo e a maneira de escrever devem ter o mesmo caráter do original e a tradução deve parecer como se tivesse sido escrita originalmente naquela língua. Tyler (apud MILTON, 1998, p.38) afirma que:

Entendo ser o dever de um tradutor de poesia nunca diminuir o seu original. Ele deve manter uma perpétua disputa com o gênio; deve acompanhá-lo em seus vôos mais altos, se puder, além do seu autor; e quando perceber, a qualquer momento, uma diminuição em suas forças, quando vir uma asa se curvar, deve erguê-la em suas próprias asas.

No geral os tradutores da era Augustans preferem uma tradução voltada a estilos, métrica e técnicas de preservar a qualidade de sons. Milton (1998, p. 41) afirma que: “Os tradutores Augustans discutem problemas de estilo.” A preocupação deles era traduzir observando formalidades, a importância maior era técnica de sons e métrica. Roscommon (Apud MILTON, 1998 p.41) comenta os problemas de usar a métrica latina, Dryden (Apud MILTON, 1998, p. 29) descreve técnicas para apreender qualidades de sons semelhantes ao latim. Pope (Apud MILTON, 1998, p.35) enfatiza a importância de seguir o tom original. Assim, cada um dos tradutores preocupou-se com uma característica em especial, mas ambos concordavam que uma tradução “ao pé da letra” nunca chega ao núcleo do original, ou seja, uma tradução para os Augustans é uma imitação, mas não o original.

Os Augustans faziam traduções livres e por isso ficaram conhecidas como os libertinos, pessoas que não obedeciam e não seguiam leis. No século XVII e XVIII, a tradução para os tradutores franceses era vista como a tradução literal, ou seja, o núcleo era o mesmo, não podiam mudar nada, deveriam ser fiéis ao texto original. Não podiam ocorrer mudanças nos paradigmas do texto traduzido. Portanto, o tradutor não era considerado como uma pessoa de muita importância, pois o que importava era o original. Os valores do texto de partida deveriam ser os mesmos da cultura de chegada. Um exemplo foi Nicolas Perrot d’Ablancourt (na França no século XVII e XVIII) que foi considerado como um

dos tradutores da bela infidelidade, ou seja, da beleza, mas não da conservação do clássico a ser traduzido. Conservava o ritmo, mas mudava as rimas, buscando clareza em suas traduções e evitando a tradução literal dos termos empregados nas obras.

No final do século XVIII e século XIX, na Alemanha, escritores como Johann Breitinger consideravam a tradução uma boa maneira para aprender a pensar. Wilhelm von Humboldt considerava a tradução um meio de envolver uma pessoa a conhecimentos e informações de grande nobreza, Friedrich Schlegel achava que o tradutor era um inovador, um ser que introduzia pensamentos novos e uma cultura diferenciada no cotidiano de cada ser. Johann Gottfried Herder afirmava que: “[...] a tradução é um nascer de uma nova estrela, um novo brilho, uma nova maneira de ver o mundo e as coisas que cercam a humanidade.” (MILTON, 1998, p. 41). Johann Wolfgang von Goethe achava que Deus iluminou os povos com um tradutor, portanto ele considerava o tradutor um profeta, conhecedor de mundos diferentes e que seria capaz de espalhar seus conhecimentos pelo mundo. Friedrich Scheielermacher via a tradução como uma maneira de divulgar a cultura e a beleza alemã. Para ele o tradutor deveria separar muito bem a tradução e manter a essência, reter elementos sintáticos e morfológicos da língua de chegada.

No século XIX, o poeta inglês Robert Browning destacou-se traduzindo e tentando manter em sua tradução a dança do intelecto entre as palavras e o jogo irônico de Traduções Antigas de Homero tentando fazer transferências da língua grega. Na Era Vitoriana os principais tradutores foram Thomas Carlyle e Dante Gabriel Rossetti. Carlyle traduziu poemas alemães e Rossetti traduziu poemas italianos. Para Milton (1998, p.111): “Traduções típicas vitorianas seguiram a moda do medieval nas artes, usando arcaísmos numa tentativa de criar um ambiente distante e antiquado.” Portanto, pode-se observar que a era vitoriana é marcada por traduções que remontam um vocabulário mais antigo tentando buscar a originalidade do poema, uma reprodução em outra língua.

No século XX, temos Ezra Pound que via a tradução como um treinar, uma reescrita. Achava que a qualidade da poesia podia refletir o desenvolvimento de uma época, a língua, a literatura. Para Pound (1970) as mudanças são necessárias, adaptações, cópias, empréstimos e não precisa

preocupar-se com o original. Percy Bysshe Shelley foi um poeta inglês que traduziu várias obras. Mas, foi Pound quem se destacou na tradução do século XX, apesar de receber inúmeras críticas de que traduziu palavras erradas, ele foi um dos principais críticos da tradução. Traduziu até poemas chineses como se observa no relato a seguir de Milton (1998, p.103):“Charles Tomlinson elogia o extrato do Livro Chinês de ritos que aparece em Canto III, no qual Pound “nos dá em procissões maravilhosas ritmos um pouco ingleses e algo irreduzivelmente estranhos e distantes”.

Desta forma, observa-se que o estranho e maravilhoso seria a tradução de Pound dos poemas chineses e que parecia, aos olhares, algo novo e com ritmo não tão chineses mais ingleses, ou seja, uma tradução de cultura para cultura e não de palavra por palavra. Por outro lado, Shelley de acordo com Milton (1998, p. 45), também foi poeta e tradutor do século XX e via a tradução como uma cópia infiel do original. Bassnett (1991, p.37) afirma que: “o objetivo da teoria de tradução é alcançar e compreender o processo que leva ao ato da tradução, e não como um processo normalmente mal entendido que prevê normas de efeito de perfeição de tradução.”³

Os estudiosos da tradução buscam um meio de compreender os instrumentos internos e externos que levam uma tradução a ser considerada agradável ou não por críticos literários e aos olhos de quem lê com olhar crítico.

1.2 Tradução de Poesia

A tradução de poesia é uma forma de discutir a tradução como uma leitura atenta, um **movimento crítico** como nos diz Berman (2002). Para Pound (apud MILTON, 1998, p. 62), o tradutor impõe sua própria responsabilidade e personalidade na tradução. Milton (1998, p. 23) afirma que: “A responsabilidade do tradutor de poesia não é a de traduzir de uma língua para outra, mas traduzir poesia em poesia.”. E para que seja uma tradução de qualidade, é necessário ter sensibilidade e manter a sensibilidade do autor ao

³ The purpose of translation theory, then, is to reach an understanding of the processes undertaken in the act of translation and, not, as is so commonly misunderstood, to provide a set of norms for effecting the perfect translation.

qual pretende-se traduzir, ou seja transformar arte em arte.. Milton (1998, p.42) destaca que: “Além de ser sensível ao autor, o tradutor deve admirá-lo e sentir uma relação próxima com ele.” Só assim, a poesia traduzida poderá transformar-se em poesia de valor, que carregue elementos da cultura de outra língua, onde o discurso de chegada faça tanto sentido quanto o discurso de partida.

Assim como para Meschonnic (1999), o que traduzimos é o discurso mais do que a língua. E é no discurso que se imprime o ritmo, a sonoridade e o efeito de sentido.

Pound (1970) destaca três elementos que devemos ter cuidado quando formos traduzir poesia. Esses elementos são: **melopéia, fanopéia e logopéia**. A melopéia é o significado simples de alguma qualidade musical das palavras, o que dá sentido. Já a fanopéia é a criação de imagens na mente, e essa criação de imagens é de acordo com o sentido da palavra na poesia. E a logopéia é o espaço entre o jogo irônico da palavra e o seu contexto. Na poesia esses elementos são essenciais, pois a musicalidade, a criação de imagens e a ironia fazem com que uma poesia desempenhe diferentes significados na mente dos leitores. A criação de imagens nos remete a um novo sentido da poesia, é o despertar da imaginação. Bergman (2008, p.85) dizia que: “O tradutor precisa jogar com os significados como o poeta faz. O tradutor precisa de sensibilidade poética.” Se o tradutor é um poeta em potencial precisa saber usar o campo semântico de cada palavra, precisa observar o espaço ao qual está voltada a poesia em tradução e construir as diferentes estruturas do discurso a ser traduzido. O tradutor está em uma via de mão dupla e deve saber percorrer os diferentes caminhos, bem como as diferentes culturas. Jogando com os significados o tradutor faz uma travessia cultural.

O desenvolvimento de literatura estrangeira foi expandindo a partir do momento em que a humanidade sentiu necessidade de entender a cultura de outros povos. Milton (1998, p. 23, 24) afirma que:

A responsabilidade do tradutor de poesia não é a de “traduzir de uma língua para outra, mas de traduzir poesia em poesia” e a poesia é de um espírito tão sutil que, ao se derramar de uma língua para outra, tudo se evapora; e se um novo espírito não for acrescentado na

transusão, nada restará a não ser um caput mortuum. O “espírito” é de grande importância, mas a “roupagem” não pode ser esquecida.

A afirmação de Milton chama o tradutor para a reflexão do como traduzir, o que deve ser observado, o que pode ser mudado, que finalidades terão a tradução e como manter viva a poesia. Esse movimento deve ser inovador no que se refere à cultura diferenciada, mas no que se refere à cultura de partida, o local, a imagem criada deve ser preservada. Arrojo (2007, p. 40) afirma que “[...] quando um leitor “produz” um texto, sua interpretação não pode ser exclusivamente sua, da mesma forma que o escritor não pode ser o autor soberano do texto que escreve.” Dessa forma, a uma releitura da poesia a ser traduzida, e todos os teóricos, vivências e a época em que o tradutor está inserido serão elementos constituintes da tradução.

O tradutor faz experimentações para chegar a uma tradução agradável, com ritmo e musicalidade, bem como criação de imagens no intelecto. E essas imagens são em sua maioria, criadas através das experimentações do tradutor, implicam em estratégias específicas do traduzir poema. E Meschonnic (1999, p. 11) afirma que: “Por estratégias, entendo um modo de ação de um pensamento organizado para realizar um projeto. O projeto fazer a tradução como uma poética.”⁴ De acordo com Meschonnic (1999) a tradução é uma experimentação, a partir da qual surge um projeto que posteriormente se transformará em uma poesia, ou seja, sonho, projeto e concretização do mesmo. E para que ocorra este despertar são necessárias constantes reflexões sobre a poesia, a tradução e a cultura almejada com a tradução.

Tradutores da Universidade de Gottingen na Alemanha e entre eles principalmente André Lefevere vêem a tradução como um elemento essencial para o contato de uma cultura com outra, bem como de diferentes literaturas. Milton (1998, p.184) afirma que:

Lefevere e os outros escritores [...] vêem a literatura não como um sistema fixo, mas como um sistema dinâmico e complexo dentro do qual há uma mudança constante dos valores das várias obras e gêneros. Uma tradução literária não é examinada do ponto de vista da precisão, expressão ou brilho com os quais consegue refletir o original; em vez disso, analisa-se o lugar que a tradução ocupa dentro do sistema da língua para a qual foi traduzida (o sistema-alvo).

⁴ Par stratégie, j’entends un mode d’action d’une pensée organisée pour réaliser un projet. Le projet, faire la traduction comme une poétique.

Sendo a literatura dinâmica e capaz de refletir esse dinamismo da língua a tradução faz muito para a literatura, pois ajuda a conduzir valores, mudanças nos costumes e faz brilhar a literatura de outros povos. A tradução é para a literatura um fio condutor de energia, ou seja, ajuda a enviar forças que vão se renovando no contato de diferentes povos e diferentes culturas. Para Milton (1998, p. 185) a tradução ocupa posição central em três conjunturas: primeiro quanto à nova literatura que precisa se adaptar a modelos para chegar à língua alvo. A segunda diz respeito às relações estabelecidas entre as literaturas com as áreas periféricas, também conhecidas como literaturas menores, que são aquelas com um grau maior de dificuldade de tradução, e o terceiro caso quando o modelo convencional passa a não ser mais aceitável, buscando mudanças quando se encontra saturado.

Para os estudiosos da tradução da Universidade de Gottingen, interessam o contexto social e histórico de todas as obras a serem traduzidas, é uma atividade principal do tradutor e não uma atividade secundária.

2.2 Tradução no Brasil e do Brasil

No Brasil os principais tradutores são: Augusto de Campos e Haroldo de Campos, José Paulo Paes, Jorge Wanderley, Ana Cristina César entre outros. Augusto e Haroldo de Campos traduzirão o que chamaram de traduções que mudaram, afetaram ou revolucionaram o estilo poético. Portanto, traduziram Pound, Cummings, Joyce, Mallarmé, Maiakovski, khlebnkov, Valéry, Poe, Goethe, Octavio Paz, Lewis Carroll, Keats, Edward Lear, John Donne e John Cage.

Para Milton (1998, p.206) os irmãos Campos realizam uma tradução de alta qualidade, como se observa no trecho a seguir: “As qualidades que os irmãos Campos admiram podem ser vistas na introdução de Augusto de Campos às suas traduções de Cummings.” Para Ana Cristina Cesar, estudiosa dos tradutores e suas correntes literárias, os irmãos Campos demonstram grande importância na forma traduzida, mais do que no conteúdo traduzido, e para ela eles buscam em Pound o tradutor como um recriador de outra obra, ou

seja, o tradutor vai reinventar uma obra. Ele é tão importante quanto o criador, já que vai fazer com que a obra renasça. Renascer é muito importante ou tão importante quanto nascer. Os tradutores que são seguidores dos pensamentos de Pound trabalham com poetas que usam a linguagem, o concreto para reverenciar a poesia. Segue um trecho da tradução de Augusto de Campos de Cummings:

[...] do lado de Pound e Joyce... Cummings (sic) é um dos poucos que mantém uma sadia atitude de inconformismo, pesquisando os meios de levar a conseqüências profundas, num plano de funcionalidade os assomos de rebeldia intentados pelos grupos das décadas iniciais... permanecem esses três, com uma obra viva e aberta, a apontar sendas de superação aos mais jovens e a fornecer 'nutrimento de impulso a novas expansões' (apud MILTON, 1998, p. 206

Mesmo nos poemas que existem obscuridade de linguagem eles mostram como recriar imagens e pensamentos que podem levar o ser humano a reflexão. O tradutor precisa romper com a tradição e colocar elementos novos na linguagem e, para isso, conhecer a língua-alvo. Eles, os irmãos Campos, revolucionaram a tradução de poesia no Brasil. De acordo com Jorge Wanderley (apud MILTON, 1998, p. 213):

[...] algo muito diferente da sempre desprezada, embora nem sempre desprezível, tradução dominical, operada sem cerimônias e sem a visão fundamental: a de que na tradução tudo está... Com esta mudança de eixo, o grupo instaura ademais no panorama brasileiro uma visão... De que a tradução passe a ser considerada como chave para o literário e suas relações com o que nos cerca.

Os irmãos Campos trazem novas técnicas e novas formas de olhar a tradução, bem como o tradutor. Mas, ainda sim existem no Brasil tradutores que vêem a tradução de outra forma, não como criação ou como matéria original é o caso de José Paulo Paes que é Poeta brasileiro e tradutor de William Carlos Williams, Paul Éluard, Kaváfis, Sterne, W. H. Auden, entre outros. Para Paes, o tradutor apropria-se de uma linguagem que não é sua, de uma criação que não é sua. Assim, ele considera a obra traduzida como uma equivalência e não como uma obra que represente a cultura de uma língua de partida e outra da língua de chegada.

Além dos irmãos Campos e de Paes temos os tradutores da geração de 45, como: Péricles Eugênio de Silva Ramos, Geir Campos, Jamil Almansur Haddad, Ledo Ivo entre outros e que, de acordo com Milton (1999), é difícil de colocá-los exatamente em uma corrente de tradução, já que não deixam claro suas posições e se dedicam mais à crítica do que a estudos sobre o ato tradutório e suas raízes. Depois temos os tradutores modernistas, como Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida, Abgar Renault que são considerados como rigorosos e conservadores, procurando fazer das obras traduzidas um espelho do original.

No Brasil existe uma grande quantidade de artigos sobre tradução e na sua maioria buscando meios e explicações para o cuidado com os falsos cognatos, as armadilhas às quais as palavras podem criar para um tradutor, o que mostra uma preocupação pela prática da tradução. Como afirma Milton (1998, p. 219): “[...] a maioria dos trabalhos de tradução no Brasil não se interessou por idéias abstratas, mas pela tradução prática.” Arrojo (2007, p. 38) afirma: “A tradução é um palimpsesto – cada nova tradução apaga traduções anteriores e produz sua própria interpretação do original. É impossível julgar qual é a melhor, ou se há uma melhor.” Portanto, mesmo buscando estudos sobre a prática, há idéias sobre as quais as raízes ainda se encontram em tradutores antigos e que não foram totalmente superadas. Mesmo, mostrando significativas mudanças.

Segundo France (2000, p. 15), desde 1886, mais de 400 obras literárias brasileiras foram traduzidas para inglês. A maioria foram romances, pequenas histórias e poemas que aparecem mais freqüentemente em trabalhos sobre a literatura Latina Americana e que aparecem em jornais, peças e trabalhos acadêmicos ingleses E de acordo com France (2000), as primeiras traduções de obras brasileiras só aconteceram em 1886, portanto, após o período colonial, já que o período colonial foi cronologicamente dividido de 1500 a 1822.

O marco da tradução no Brasil foi a obra “O Uruguay” de José de Basílio da Gama que foi traduzido por Sir Richard F. Burton (1821 – 1890) e cuja obra foi confiscada pela sua esposa Isabel de Burton (1831 – 1896) por achar que a tradução de seu marido fosse anti-jesuita e que ofendia a Igreja Católica. Ela destruiu as anotações do seu marido. Mas, tempos depois surgiu a obra

traduzida em uma biblioteca da Califórnia e publicada em 1982 com “The Uruguay; A Historical Romance of South América, in a scholarly, bilingual edition.”. Portanto, Isabel Burton não fez a primeira tradução para a língua inglesa, mas como lançou a obra do marido e assinou por ela, ficou conhecida como a tradutora daquela obra. De acordo com France (2000, p. 444):

Ela traduziu *Iracema*, lenda do Ceará (1885), um romance que pertenceu ao período imediatamente pós colonial, e do mais bem conhecido romancista José de Alencar, o qual os Burtons tiveram direito legalizado para traduzir no Brasil. As traduções de Isabel Burton, *Iracema*, os lábios de mel, uma lenda do Brasil, recebe um delicado tratamento de ídolo e de estrela entre uma garota indiana e um soldado português, um dos temas nacionais explorados por Alencar.⁵

Temos desta forma *Iracema* como um dos primeiros trabalhos traduzidos, depois tem Machado de Assis com suas obras *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Dom Casmurro* (1900). Depois, Mário de Andrade com sua obra *Macunaíma, o herói sem caráter* (1928), cujo título foi *Macunaíma, the Hero Without a Character*. Em seguida, Graciliano Ramos com a obra *Vidas Secas* (1938) traduzido por Ralph Edward Dimmick em 1961 com o título *Barren Lives*. João Guimarães Rosa também foi traduzido e entre suas obras traduzidas temos: *Sagarana* (1946) por Harriet de Onís em 1958 e *Grande Sertão: Veredas* (1956) traduzido por James L. Taylor and Harriet de Onís, cujo título ficou *The Devil to Pay in the Backlands*, depois sua obra *Primeiras histórias* (1962) foram traduzidas por Bárbara Shelby cujo título foi *The Third Bank of the River and Other Stories* em 1968. Jorge Amado também teve algumas de suas obras traduzidas, entre elas: *Gabriela Cravo e Canela* (1958) que recebeu o título de *Gabriela, Clove and Cinnamon*, traduzida por James L. Taylor e William L. Grossman e *Dona Flor e seus dois maridos* (1966) cuja tradução ficou *Dona Flor and her two Husbands; A moral an Amorous Tale* traduzida por Harriet de Onís.

⁵ She translated *Iracema*, lenda do Ceará (1885), a novel belonging to the immediate postcolonial period, the best know work by celebrated romantic writer José de Alencar, whose acquaintance the Burtons made in Brazil. Isabel Burton’s translation, *Iracema, the Honey-Lips*, a Legend of Brazil, applies a delicate treatment to the star-crossed idyll between an Indian girl and a Portuguese soldier, one of the nationalistic themes exploited by Alencar.

Clarice Lispector teve quase todas as suas obras traduzidas e foi considerada como uma das mais importantes escritoras femininas do Brasil. Seu romance *A Hora da Estrela* (1977) foi traduzido como *The Hour of the Star* por Giovanni Pontiero. Depois sua obra *Perto do Coração Selvagem* (1944) foi traduzida por *Near the Wild Heart* por Giovanni Pontiero; em seguida *Laços de Família* (1960) cujo título foi *Family Ties* também traduzido por Giovanni Pontiero.

Giovanni Pontiero e Elizabeth Bishop traduziram poesias modernas brasileiras para o inglês e uma boa seleção de obras contemporâneas foi editada por John Milton em um volume especial intitulado *Modern Poetry in Translation* (1994). Cecília Meireles também aparece como uma das grandes escritoras brasileiras que teve suas obras traduzidas por Henry Hunt Keith and Raymond Sayers (1977). Manuel Bandeira teve suas poesias traduzidas por E. Flintoff. No teatro brasileiro temos o *Auto da Compadecida* (1956) de Ariano Suassuna, traduzido por *The Rogue's Trial* de Dillwyn F. Ratcliff e depois *Apareceu a Margarida* (1973) obra de Roberto Athayde traduzido como *Miss Margarida's Way. Tragicomic Monologue for an Impetuous Woman*. Desta forma, pode-se observar que existe uma variedade de obras brasileiras traduzidas, mas que mesmo assim ainda existem muitas que andam no anonimato e que fazem parte da grandiosidade da literatura brasileira. Só há um meio de divulgá-las e este meio de mostrá-las ao mundo é através da tradução.

REFERÊNCIAS

ALVES, F. et al. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. São Paulo: Contexto, 2000.

AMOSSY, Ruth (org.) *Imagem de si no discurso. A construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução. A teoria na prática*. São Paulo: Ática, 2007.

_____. O ensino da tradução e seus limites. In: Arrojo, R. (Org.) *O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas: Pontes, 1992.

AUBERT, Francis Henrik. *As (in) fidelidades da tradução – servidões e autonomia do tradutor*. Campinas: Editora Unicamp, 1994.

BACHELARD, Gaston. *Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BAKER, Mona. *In other Words*. New York: Routledge, 1992.

BAKTHIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

BASSNETT, Susan. *Tranlation Studies*. London and New York: Routledge, 1991.

BERMAN, Antoine. *A Prova do Estrangeiro*. São Paulo: EDUSC, 2002.

BREZOLIN, Audari. Sugestões práticas para o ensino da tradução. São Paulo: Todas as Letras, nº 5 p. 137 – 146.

CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem*. São Paulo: Cultrix, 1976.

CHIERCHIA, Gennaro and McConnell-Ginet, Sally. *Meaning and grammar*. Cambridge Mass: MIT Press, 1990.

ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa*. São Paulo: Edusp.1970.

FRANCE, Peter (Org.) *The Oxford guide to literature in English Translation*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisa: uma arqueologia das ciências Humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro (Orgs.). *M. Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos, SP: Claraluz, 2004.

GARCEZ, Pedro de Moraes. *English into Brazilian Portuguese: the problems of translation address in literary dialogue*. Ilha do Desterro, 28, p. 155 – 165, 1992.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, Sons, Ritmos*. São Paulo: Ática, 1985.

HATIM, Basil. *Teaching and researching translation*. Harlow: Pearson Education Limited, 2001.

HEGEL, T. *Curso de Estética*. Clássicos 14. Edusp, 2001.

JAMES, Carl. *Three uses for translation in language foreign teaching*. Trabalhos de Linguística Aplicada. Campinas: Unicamp, 1989.

LEECH, Geoffrey. *Semantics*. Middlesex: Penguin, 1975.

MESCHONNIC, Henri. *Critique du rythme*. Paris: Verdier/Poche, 1999.

PALMER, F. R. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

POUGEOISE, Michel. *Dictionnaire de Poétique*. Paris: Belin, 2006.

POUND, Ezra. *Translations*. Londres, Faber & Faber, 1970.

SOUZA, Marcos. Um conto de Poe em forma de balada. Doutorando em Lingüística na Universidade Federal de Santa Catarina. Email: marcos@matrix.com.br. 2009.

VASCONCELOS, Ruy. Pequena conversa sobre tom e tradução. Disponível em: <[http://www.Jornal%20de %Poesia%20-% 20-%Ruy%20Vasconcelos.htm](http://www.Jornal%20de%20Poesia%20-%20-%20Ruy%20Vasconcelos.htm)>. Acesso em: 1 out. 2009.

WILLS, Wolfram. 'Decision making in translation. In: Baker, M. (Ed) *Encyclopedia of translation studies*. London: Routledge, 1998, p. 57 – 60.